***A qualidade do ensino na escola pública,
de Celso de Rui Beisiegel.***

Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

Verone Lane Rodrigues

Doutoranda em Educação
– USP;
Mestra em Ciências da Educação – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT); Pesquisadora do Instituto Paulo Freire. São Paulo – SP [Brasil]
veronelane@terra.com.br

Esta coletânea de seis artigos, do sociólogo Celso de Rui Beisiegel, é resultado de sua trajetória de quarenta anos de trabalho como educador engajado e voltado, diretamente, às discussões de questões relacionadas à democratização das oportunidades educacionais para as classes populares. Seu livro expõe, de forma crítica, um tema debatido e polemizado nas últimas décadas – a qualidade do ensino – e faz com que o leitor se sinta provocado a pensar e a refletir sobre todo esse processo de extensão de oportunidades educacionais aos excluídos da sociedade brasileira. Além disso, o autor retoma a necessidade urgente de construção de uma nova concepção de escola, desgarrada do conceito de “excelência” do passado.

Sua reflexão crítica, nesta obra, está voltada para o discurso que correlaciona as deficiências do ensino à expansão de oportunidades de acesso e de permanência na escola, ou seja, desmonta a visão reducionista dos segmentos privilegiados da população brasileira, que argumentam que a perda da qualidade do ensino é provocada pelo atendimento das demandas sociais. No discurso hegemônico, a causa da baixa qualidade do ensino brasileiro advém de concepções e ações que se voltam para sua democratização. Esta argumentação tem sido reforçada, também, pela prática de uma pedagogia da exclusão.

Assim, quando se travaram debates nacionais sobre o tema, lá estava Celso de Rui Beisiegel a questionar os procedimentos escolares excludentes,

procurando refletir sobre essa crise fabricada por um viés ideológico que buscava esconder a verdadeira função da escola pública.

Este estudioso trata de um tema, como a qualidade de ensino na escola pública, com o rigor que o objeto merece, não se atendo apenas a discussões efêmeras e pontuais. É tanto que este pequeno grande livro cobre quarenta anos de reflexão profunda, pois cada um de seus capítulos corresponde a artigos que responderam a questões necessárias em contextos específicos, ao longo da história educacional brasileira.

A relação entre qualidade do ensino da educação pública brasileira e o processo de sua universalização é questão fundamental nas discussões do setor e, porque não dizer, da sociedade como um todo. Por isso, este livro é tão importante: Celso Beisiegel nos convida a enxergar a “alma” desse processo social, que é extremamente complexo, e o sofrimento de um povo que foi privado de uma série de direitos sociais.

A temática do primeiro capítulo deste livro traz à tona as relações de interdependência entre política e educação, analisando a “dupla mediação” que, segundo o autor, se estabelece entre o agente político e as demandas sociais. Em primeiro lugar, por suas influências, promove a ampliação da concessão de serviços públicos e, em segundo, força a emergência de novas racionalidades administrativas, provocando a contradição entre democratização das oportunidades e qualidade do ensino democratizado.

Em outras palavras, consciente ou inconscientemente, o agente político exacerba a contradição entre expansão quantitativa e exigência de expansão qualitativa, que não ocorreria, se a primeira fosse resultante de explícitas políticas de Estado.

O segundo capítulo, datado de 1975, trata da reforma e da qualidade do ensino, analisando os chamados fenômenos da “crise” escolar contemporânea, atribuída à já discutida deterioração dos padrões de qualidade da escolarização, devido à rápida inclusão das classes populares na rede escolar.

No terceiro capítulo, o autor trata do estímulo à democratização escolar, confrontando os padrões de exigência da escola de “excelência” do passado e que foram mantidos indevidamente na escola atual, aprofundando os mecanismos de discriminação social. Assim, como nota o autor, é visível a ampliação da população escolar, com contingentes majoritários em condições desfavoráveis. No entanto, não são tão visíveis as razões da má qualidade, pois grande parte das pesquisas sobre o tema reforçam apenas o impressionista discurso excludente, que faz vinculações precipitadas. Neste capítulo, portanto, o que Beisiegel propõe é pensar a sociedade brasileira e seus componentes para se pensar a escola; atribuir à escola funções diferentes das que lhes foram atribuídas no passado (p. 121); pensar a democratização do ensino e reconhecer seu rendimento precário como um fato histórico, não determinado. Isso nos leva a uma indagação: como expandir as oportunidades educacionais sem prejudicar a qualidade? Esta questão acaba por se desdobrar em outras: é possível falar em qualidade em geral? De que qualidade se está falando?

Esse será o desafio de uma coletividade que deve pensar seriamente a educação, tema do quarto capítulo deste livro. Para Celso Beisiegel, o exame da história social de um país é imprescindível para que seja possível compreender e encontrar soluções plausíveis para seus problemas mais urgentes.

O capítulo quinto, elaborado em 1999, trata da avaliação e da qualidade do ensino. Beisiegel analisa, aí, a questão da avaliação do ensino superior proposta pelo Ministério da Educação brasileiro, da mesma forma com que tratou o tema da expansão das oportunidades de ensino nos outros níveis de escolaridade. Questiona a padronização dos instrumentos utilizados nesses sistemas de avaliação, em que se comparam, do mesmo modo, contextos e situações completamente diferentes. O sexto, de 2002, trata do ensino médio, sob a perspectiva da educação básica. A ênfase é dada à questão da irreversibilidade do processo de democratização das oportunidades escolares e a uma análise mais criteriosa das deficiências que decorrem desse processo.

Diante de tantas e profundas provocações, recomenda-se a leitura deste livro, para ir-se além de uma reflexão meramente acadêmica, ou seja, é preciso acompanhar o autor, numa análise aprofundada de quem conhece a realidade da educação brasileira em seus meandros e em suas peculiaridades e que não se deixa abalar pelos determinismos que nos assolam.

Raciocinando de um modo mais geral, cabe dizer que são visíveis as aspirações de mulheres e de homens que buscam obter êxito em suas vidas profissional e social. São os sonhos de justiça e de liberdade que movem a humanidade. Afinal, quem, nesta vida, não quer ser feliz? Mas de que tipo de felicidade se está falando?

Assim, retornando ao tema específico, cabe reiterar: de que qualidade se está falando?

Se formos capazes de nos questionar sobre a incompreensão de uma sociedade cruel, que fomenta a estigmatização social, e de nos indignarmos quando o acesso à felicidade é para poucos, aí, sim, nossos projetos pessoais e coletivos, em prol da igualdade, passam a ter sentido e valor.